

O FUTURO DA PANDEMIA

Ainda incerto, o futuro tornou-se menos sombrio dois anos após o início da pandemia. A disponibilidade de vacinas e de meios terapêuticos de alta efetividade minimizam os medos. A possibilidade do surgimento de variantes mais agressivas e o desconhecimento da etiopatogenia do Covid-19 mantêm os especialistas em alerta. No entanto, duas características da contemporaneidade destacam-se como determinantes do caminho a percorrer: a inequidade e o individualismo.

É claro que a falta de recursos econômicos, sejam eles considerados em nível individual, grupal, nacional ou regional, será um fator determinante da persistência do Covid-19 no planeta. Embora as doenças e os agentes patógenos não conheçam de raça, religião ou status socioeconômico, e nem mesmo o vírus, no caso do Covid-19, sendo um processo massivo de rápida propagação, se evidencia uma maior morbidade, e sobretudo mortalidade, nos extratos populacionais de menores recursos. Mas os recursos disponíveis para atacá-lo não são distribuídos uniformemente.

Não somente foi determinado que nos estratos de renda mais baixos, os índices de morbidade e também os de mortalidade são mais altos; a disponibilidade de vacinas e de tratamentos eficazes é limitada pelas condições locais e pela vontade ou conveniência de fornecer ou de receber as vacinas por parte dos países que as produzem, ou dos que as requerem, estão orientadas por, e dependem de, fatores geopolíticos. Tal é a motivação existente nos fornecimento e doações de vacinas produzidas na China e na Rússia a países que as requerem, como acontece também com as dos Estados Unidos e da União Europeia.

Por sua vez, os esforços concertados por parte da comunidade internacional não têm sido fáceis de implementar. É o caso da iniciativa COVAX, realizada pela Organização Mundial da Saúde em conjunto com grupos de inovadores de vacinas e organizações filantrópicas para facilitar a distribuição e o acesso às vacinas em países necessitados.

Enquanto a taxa de contágio não for controlada em todo o planeta, não será possível acabar com a natureza pandêmica da Covid-19. Podemos nos perguntar se isso será possível,

dado o segundo determinante indicado acima. É evidente que enquanto houver entre nós quem pense que sua liberdade, individual ou coletiva, está restringida por medidas que visam a proteção de todos os cidadãos, será muito difícil vencer o vírus. É altamente preocupante ver as manifestações contra as medidas que são consideradas coercitivas e que ocorrem em países do primeiro mundo com elevados níveis educativos.

Numerosas teorias, algumas mais bizarras do que outras, tentam invocar argumentos que são claramente falsos e irracionais e enfatizam a prevalência das decisões individuais sobre a consideração do bem comum e das reais necessidades da sociedade. Alguns meios de comunicação de massa os propagam e amplificam. Como resultado surgem manifestações onde as massas reivindicam o livre arbítrio contra o mandato do governo, mesmo sendo este para o benefício da comunidade.

Não existem apenas grupos antivacinas; há quem rejeite o uso de máscaras e outras medidas de proteção. Embora seja evidente diante de seus olhos que a falta de proteção leva a surtos de infecção e que a vacinação reduz drasticamente as hospitalizações e mortes por Covid-19, a consideração egoísta de que somos livres para escolher nosso destino, mesmo em detrimento de outros, torna muito mais difícil tentar acabar com este flagelo da humanidade.

Afortunadamente, a história nos ensina que toda pandemia tem um fim. Haverá muitos mortos, mas a pandemia desaparecerá. É óbvio, porém, que milhões de mortes poderiam ser evitadas se uma ação coerente e racional baseada no conhecimento proporcionado pela ciência e na intenção de ajudar os outros, ditasse as orientações tanto das comunidades que necessitam de ajuda como das sociedades dominantes.

MIGUEL LAUFER
Diretor, *Interciência*